

Macabéa: um mito na grande cidade

*Átila Tolentino**

Em seu ensaio *O Mito da Megalópole na Literatura Brasileira*, Bárbara Freitag expõe as suas considerações sobre a questão da “megalopolização” das cidades, que ocasionou radicais processos de transformação da vida humana, refletidas nos modernos espaços urbanos. Para realizar essa análise, faz uso de três romances de autores brasileiros: *Não Verás País Nenhum*, de Inácio Loyola de Brandão; *Samba-Enredo*, de João Almino; e *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, abordando, respectivamente, as cidades de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro.

Ao analisar esses romances, diferencia o mito da megalópole do mito na megalópole. O mito na megalópole seriam os personagens que se transformam em mitos nas grandes cidades. O mito da megalópole seria a própria cidade, que se configura um personagem fundamental nos romances e atua sobre o comportamento dos outros personagens. A sua “ação” passa a assumir um caráter mítico.

Mostra também como o mito da megalópole devora o mito na megalópole. Na era da megalópole o indivíduo não tem vez, é emudecido por uma cidade que não o enxerga nem o escuta. De pronto, já está fadado à morte.

Em *A Hora da Estrela*, o mito na megalópole seria a personagem principal do romance, Macabéa, e o mito da megalópole seria a cidade do Rio de Janeiro. Macabéa é devorada pelo Rio de Janeiro, cuja relação entre os dois se desfêcha no infernal trânsito carioca, quando é atropelada.

Nesse romance, Rodrigo S.M., narrador onisciente, conta a história de Macabéa, personagem protagonista, vinda de Alagoas para o Rio de Janeiro, onde vivia com mais quatro colegas de quarto, além de trabalhar como datilógrafa (péssima, por sinal).

Macabéa é uma mulher comum, para quem ninguém olharia, ou melhor, a quem qualquer um desprezaria: corpo franzino, doente, feia, maus hábitos de higiene. Além disso, era alvo fácil da propaganda e da indústria cultural (para exemplificar, seu desejo maior era ser igual a Marilyn Monroe, símbolo sexual da época). Nossa personagem não sabe quem é, o que a torna incapaz de impor-se frente a qualquer um.

Começa a namorar Olímpico de Jesus, nordestino ambicioso, que não vê nela chances de ascensão social de qualquer tipo. Assim sendo, abandona-a para ficar com Glória, colega de trabalho de Macabéia; afinal, Glória era carioca e o pai dela era açougueiro, o que lhe sugeria a possibilidade de melhora financeira.

Triste, nossa personagem busca consolo numa cartomante, que prevê que ela seria finalmente feliz: a felicidade viria do "estrangeiro". De certa forma, é o que acontece: ao sair da casa da cartomante, Macabéia é atropelada por Hans, que dirigia um luxuoso Mercedes-Benz. Esta é a sua "hora da estrela", momento de libertação para alguém que, afinal, "vivia numa cidade toda feita contra ela".

Essa "devoração" ou degradação do indivíduo pela cidade, que no caso do romance é representado por Macabéia, acontece aos poucos, dia a dia. Para demonstrar esse aspecto, partiremos dos estudos de Georg Simmel, cujas premissas são bem marcantes no romance, quando ele demonstra que é típico nas grandes cidades o refúgio dos sujeitos na individualização, na criação de distâncias sociais, no anonimato e na monetarização das relações sociais.

Georg Simmel, um dos mais destacados pensadores da cultura urbana moderna, ao analisar a transformação urbana de Berlim na virada do século XIX, apresenta em seus estudos uma preocupação com o que é "novo" e "moderno" na sociedade daquela época, que se desenrola pelo recurso às representações mentais, aos modos de percepção/apropriação e à experiência vivida pelos sujeitos. A interferência do capitalismo e da monetarização da economia sobre as relações sociais é analisada de modo acutilante no laboratório que constitui o cotidiano da metrópole, a qual, no seu dizer, "foi sempre a sede da economia monetária".

Quando Simmel desenvolve a idéia do estilo de vida moderno, tem na cidade grande o espaço desse novo modo de viver. É na cidade grande que nasce o maior problema da vida moderna: o conflito entre o indivíduo e a sociedade, entre a cultura interior e a cultura exterior. Trata-se de constantemente por à prova a identidade do eu, em um processo civilizatório em que impera a diferenciação social, a objetividade nas relações com o outro e a criação de

distâncias nos contatos quotidianos. Essa autoconservação do homem moderno promove a constante tensão entre o interior e o exterior, entre o individual e o coletivo.

A riqueza dos estudos de Simmel influenciaram cientistas sociais posteriores, principalmente norte americanos. A sua herança sociológica e, em particular, do seu ensaio sobre a metrópole, encontrou, por exemplo, em Robert Ezra Park, Louis Wirth e na Escola de Chicago, como um todo, o terreno mais propício para a sua frutificação.

Para Wirth, a dimensão da cidade, na esteira de Simmel, potencializa tanto a autonomia dos indivíduos, como o seu anonimato e a perda do sentido de participação, podendo conduzir à anomia e ao vazio social. Em suas palavras,

[...] o superficialismo, o anonimato, e o caráter transitório das relações urbano-sociais explicam, também, a sofisticação e a racionalidade geralmente atribuídas ao habitante da cidade. Nossos conhecidos têm a tendência de manter uma relação de utilidade para nós, no sentido de que o papel que cada um desempenha em nossa vida é sobejamente encarado como um meio para alcançar os fins desejados. Embora, portanto, o indivíduo ganhe, por um lado, certo grau de emancipação ou liberdade de controles pessoais e emocionais de grupos íntimos, perde, por outro lado, a espontânea auto-expressão, a moral, e o senso de participação, implícitos na vida numa sociedade integrada. Isso constitui essencialmente o estado de anomia ou de vazio social a que se refere Durkheim ao tentar explicar as várias formas de desorganização em sociedade tecnológica (WIRTH, 1973).

As recorrentes questões que Simmel coloca em cheque com relação à agitação da vida na metrópole, às relações sociais e ao frenesi do homem citadino, são também temas dos estudos de Park (1973), inerentes à natureza humana no imenso laboratório da cidade grande, que se encontra em constante "equilíbrio instável". Para Park,

[...] a cidade, e especialmente a grande cidade, onde mais do que qualquer outro lugar as relações humanas tendem a ser impessoais e racionais, definidas em termos de interesse e em termos de dinheiro, é num sentido bem real um laboratório para a investigação do comportamento coletivo. [...] As cidades, e especialmente a cidade grande, estão em equilíbrio instável. O resultado é que os enormes agregados casuais e móveis, que constituem nossas populações urbanas, estão em estado de perpétua agitação, varridos por todo novo vento de doutrina, sujeitos a alarmas constantes e, em consequência, a comunidade está numa condição de crise crônica (Park, 1973).

As idéias desenvolvidas na *Metrópole e a Vida Moderna* e na *Filosofia do Dinheiro*, de Simmel, são também perceptíveis na obra *A Hora de Estrela*. Algumas premissas de seus estudos – o caráter blasé do homem moderno, o espírito calculista e a cidade como sede da economia monetária, a especialização do trabalho – são perceptíveis nesse romance, demonstrando, assim, como a cidade grande “devora” o indivíduo, isto é, como o mito na cidade é tolhido pelo mito da cidade.

Simmel (1973) afirma que a “vida na cidade grande é a superposição contínua de choques”. Uma das ambigüidades da cidade grande é o choque entre campo e cidade, que intensifica os estímulos nervosos do homem urbano. No romance de Clarice, tal fato é representado pelo choque entre a vida no Nordeste e a vida no Rio de Janeiro, cujo maior símbolo é o galo existente na Rua do Acre, que às vezes acordava Macabéia: “Uma vez por outra tinha a sorte de ouvir de madrugada um galo cantar a vida e ela se lembrava nostálgica do sertão. Onde caberia um galo a cocoricar naquelas paragens ressequidas de artigos por atacado de exportação e importação?” (LISPECTOR, 1999).

Outra dualidade da cidade grande que Simmel aponta é a relação do homem com a natureza, ou seja, uma relação de sujeito e objeto, que está eivada de conflitos. O sociólogo Leopoldo Waizbort explica que:

Simmel concebe a relação do homem com a natureza, enquanto uma relação de sujeito e objeto, como uma relação conflituosa, e essa relação está posta inclusive no interior do próprio espírito. O espírito produz as mais diversas formações, que passam a ter uma autonomia própria; o sujeito, com isso, passa a confrontar-se com essas formações. Nestas, o espírito converte-se em objeto. A relação entre sujeito e objeto, entre o espírito e aquilo que dele se origina e autonomiza, é marcada por uma infinidade de tensões, e por isso Simmel fala nas 'incontáveis tragédias que vivem nessa profunda oposição formal', oposição 'entre a vida subjetiva, o que é incessante mas temporalmente finito, e seus conteúdos, que, uma vez criados, são móveis, mas válidos intemporalmente. Em meio a esse dualismo habita a idéia de cultura' (WAIZBORT, 1999).

Trata-se, portanto, da tensão entre o interior e o exterior que o homem urbano sofre. É o conflito entre a cultura individual e a cultura exterior. O desenvolvimento da cultura moderna, como diz Simmel,

[...] é caracterizado pela preponderância do que se poderia chamar de o 'espírito objetivo' sobre o 'espírito subjetivo'" (SIMMEL, 1973). A cidade grande é o cenário que extravasa a vida individual, ocasionando a atrofia da cultura pessoal e a hipertrofia da cultura objetiva. Há um retrocesso da cultura individual em relação ao bombardeio de informação a que estamos submetidos na cidade grande. A especialização, a racionalidade e a praticidade da vida moderna provocam a morte da personalidade do indivíduo.

Viver na cidade grande e sair à rua, é deixar o seu interior. Esse conflito Macabéa sofria constante-mente, embora não o percebesse:

Tinha o que se chama de vida interior e não sabia que tinha. Vivía de si mesma como se comesse as próprias entranhas. Quando ia ao trabalho parecia uma doida mansa porque ao correr do ônibus devaneava em altos e deslumbrantes sonhos. Estes sonhos, de tanta interioridade, eram vazios porque lhes faltava o núcleo essencial de uma prévia experiência de – êxtase,

digamos. [...] Não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra. Mas parece-me que sua vida era uma longa meditação sobre o nada. Só que precisava dos outros para crer em si mesma, senão se perderia nos sucessivos e redondos vácuos que havia nela (LISPECTOR, 1999).

Apenas em um dado momento conseguiu encontrar-se consigo mesma; por um momento obteve o êxito de superar o conflito entre a vida subjetiva e o exterior. Em uma das passagens epifânicas do romance, Macabéia fica sozinha em seu quarto de pensão, pois mentira ao chefe que iria arrancar um dente e, por isso, não poderia trabalhar. Ao ter ficado sozinha em casa, Macabéia chegou a se sentir livre, pois estava consigo mesma e até não lhe incomodou olhar-se no espelho:

Então, no dia seguinte, quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruía de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. Arrumou, como pedido de favor, um pouco de café solúvel com a dona dos quartos, e, ainda como favor, pediu-lhe água fervendo, tomou tudo se lambendo e diante do espelho para nada perder de si mesma. Encontrar-se consigo própria era um bem que até então não conhecia. Acho que nunca foi tão contente na vida, pensou. Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada. Até deu-se ao luxo de ter tédio – um tédio até muito distinto (LISPECTOR, 1999).

O indivíduo, no entanto, nem sempre suporta toda essa superposição de choques, essa impessoalização das relações e a falta de espiritualidade. Tampouco Macabéia o suportou, sobretudo ela que “era à-toa na cidade inconquistável”. O Rio de Janeiro era a cidade incompreensível, inatingível e impossível para Macabéia.

Isso tudo culminou na deglutição do “mito na cidade” (Macabéa) pelo “mito da cidade” (Rio de Janeiro). É a questão do decifra-me ou devoro-te da Esfinge e Édipó-Rei. Macabéa não conseguiu decifrar o Rio de Janeiro, a cidade toda feita contra ela. Desta forma, ela, que já era quase muda, foi emudecida completamente, foi engolida pela cidade. Uma cidade, para ela, surda e cega.

Notas

* Licenciado em Letras. Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental, atua no Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN.

Referências Bibliográficas

FREITAG, Barbara. O Mito da megalópole na literatura brasileira. **Revista do Tempo Brasileiro**, nº 132, Rio de Janeiro, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PARK, Robert Ezra. A cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano Trad. e Sérgio Magalhães Santeiro, In: VELHO, Otávio Guilherme (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1993.

SIMMEL, Georg. **A Metrópole e a Vida Mental**. Trad. Sérgio Marques dos Reis, In: em VELHO, Otávio Guilherme (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. **O Dinheiro na Cultura Moderna**. Trad. Jessé Souza & Berthold Öelze, In: SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthold (orgs). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB [s.d].

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: USP, 1999.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como modo de vida” Trad. de Marina Corrêa Treuherz, In: VELHO, Otávio Guilherme (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.